



Fundamental no ramo das pesquisas e detentor de coleções valiosas, museu não tem estrutura e materiais ficam guardados de forma inadequada

DESCASO. Estrutura precária é uma ameaça para funcionários e visitantes

Museu de História Natural está abandonado

Pesquisas são prejudicadas por falta de espaço e equipamentos

VÍTOR MENEZES*
ESTABELECIMENTO

Ele nasceu no dia 7 de maio de 1990, no antigo prédio da Faculdade de Odontologia, localizada no bairro do Farol, em Maceió, por meio da resolução Nº 015/90, do Conselho Universitário da Universidade Federal de Alagoas (Ufal). Após anos de

glória, o Museu de História Natural enfrenta, hoje, situação de abandono. Pensado para oferecer apoio aos cursos universitários, o local é uma importante ferramenta no ramo das pesquisas e possui coleções de valor inestimável para estudiosos de todo o mundo.

Esse sucesso se deve à perseverança dos profissionais envolvidos, afinal, em termos estruturais, o museu está caindo aos pedaços. Paredes rachadas, falta de espaço, falhas elétricas e carência de equipamentos são batalhas travadas diariamente por quem lá trabalha.

O setor de Herpetologia (ramo da Zoologia dedicado ao estudo dos répteis e anfíbios), detentor de uma das mais completas coleções do Nordeste, não tem sequer recipientes propícios para o armazenamento dos espécimes que o compõem, tendo que armazená-los em potes vazios de margarina, café, maionese, entre outros.

“Nós passamos por uma carência muito grande de material, não temos sequer álcool para preservar nossa coleção, faz cerca de dois anos que a faculdade não nos fornece mais. Dependemos de doações de usinas para nos manter”,

explica Filipe Nascimento, técnico em assuntos educacionais do setor.

Nascimento confessa ainda que o setor conta com dois condicionadores de ar que serviriam para manter a coleção em temperatura ideal, mas ambos estão quebrados.

Grças à paixão dos funcionários pela profissão, que muitas vezes tiram do próprio bolso para bancar as necessidades básicas do setor, unida ao trabalho de voluntários e de estagiários, o setor continua conquistando avanços no Estado. No ano de 2011, foi catalogada uma nova espécie de lagarto,

nunca vista antes, o *Coleodactylus elisae*.

Já o setor de Mastozologia (área da Zoologia que se ocupa do estudo dos mamíferos), funciona em uma área muito pequena, que comportaria apenas o laboratório. Além disso, faltam equipamentos. “As deficiências aqui no setor vão desde material de consumo básico, como algodão ou material de taxidermia (arte de montar ou reproduzir animais para exibição ou estudo). Outras coisas eu mesmo compro, como formol, por exemplo”, confessa Ludmilla Nascimento, responsável pelo setor.

A pesquisadora ainda conta que, na sua especialidade (pequenos mamíferos), uma ferramenta de trabalho essencial é a armadilha Sherman, utilizada na captura de mamíferos de pequeno porte. Mas ela só conseguiu a aparelhagem porque pediu emprestada ao Instituto Butantan.

O setor de Mastozologia também alcança resultados positivos nas pesquisas, como a identificação da espécie de tatu *Cassouss tatouay*, que antes do trabalho de Ludmilla nunca havia sido registrada aqui em Alagoas.

* Sob supervisão da editoria de Cidades.



Setor de Herpetologia não tem recipientes para guardar espécimes

Aperto dificulta trabalho

O professor Jorge Luiz Lopes da Silva, do setor de Geologia e Paleontologia, reclamou da ausência de espaço. Por causa disso, segundo ele, muitas ferramentas não podem ser utilizadas. “Embaixo dessa mesa temos aparelhos novos, comprados em 2010, que nunca foram tirados da caixa devido à falta de espaço”.

A limitação de espaço é realmente preocupante, o corredor do setor é usado como sala de armazenamento para inúmeros fósseis e amostras geológicas

coletadas ao redor do Estado.

“Temos amostras que nem fizemos a triagem ainda e que podem conter fósseis raros, mas não tivemos a chance de descobrir porque não temos espaço para fazer essa limpeza”, disse o professor.

O setor ainda foi vítima de um incêndio, no ano de 2013, em plena segunda-feira de carnaval, sendo reaberto apenas dois meses depois, no dia 22 de abril.

O fogo quase destruiu os livros de tombo, que contêm os registros da co-

leção científica armazenada no local. Sem eles, a coleção perde seu valor. Segundo o Corpo de Bombeiros Militar (CBM), o incêndio foi causado por um curto-circuito no condicionador de ar.

Sem alternativa, os funcionários encaram o problema com descontração. Penduraram um quadro na parede com a imagem de uma ave fênix – segundo a mitologia grega, a ave renasce das cinzas –, e com a data de fechamento e reabertura do setor.

“Renascemos das cin-

zas”, diz Jorge Luiz.

Falhas na rede elétrica também foram responsáveis por eletrocutar serpentes que moravam em um viveiro, no primeiro andar do museu. Falta de películas fumês – que obriga os funcionários a pintar as janelas com tinta preta, para preservar melhor suas coleções –, rachaduras, madeiras infestadas de cupins e vidraças quebradas põem em risco a segurança dos pesquisadores e visitantes do museu. **VM**

Leia mais na página D9